

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B1. Alagoano foi um dos mais destacados atores brasileiros, com mais de cem filmes no currículo

FESTIVAL HOMENAGEIA JOFRE SOARES E TRAZ NOVIDADES

Pela primeira vez, uma das Canoas de Tolda será entregue ao escolhido como Melhor Filme pelo Júri Popular

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

Jofre, aliás, é a figura central deste ano no Festival de Cinema Universitário. Nascido em Palmeira dos Índios, em 1917, e falecido em São Paulo, no ano de 1996, o alagoano foi um dos mais destacados atores brasileiros. Dono de uma extensa carreira cinematográfica, com mais de cem filmes, esteve em longas como Terra em Transe, de Glauber Rocha; Memórias do Cárcere, dirigido por Nelson Pereira dos Santos e Bye Bye Brasil (1979), de Cacá Diegues.

O ator é o primeiro homenageado já falecido do evento – em anos anteriores, foram agraciados Alice Braga, Eron Cordeiro e o roteirista Tairone Feitosa. Segundo Sérgio Onofre, um dos organizadores da iniciativa, Jofre foi escolhido pelo conjunto da obra. “É essencialmente pela longa carreira dele, pela extensa filmografia e pela figura humana. Quem o conheceu traz depoimentos muito interessantes sobre ele enquanto ator e enquanto parceiro nas produções”, diz.

Ele lembra que, na época, o cinema era diferente. Uma atividade cheia de esforço, inclusive físico. E o alagoano era peça-chave para se ter num set, então. “Ele era um cara completamente desprezado de vaidades. Se precisasse carregar caixotes, ele carregava. Numa época em que produzir cinema era algo braçal, ter um cara como o Jofre era extremamente importante no set, além

de ele ser simpático, gente boa. Talvez tudo isso tenha contribuído para abrir portas, mas o fato é que era um grande ator e com uma invejável filmografia, que merece mais esse reconhecimento”.

O organizador conta que a ideia da homenagem é dar visibilidade a grandes nomes de Alagoas, que, muitas vezes, terminam por permanecer desconhecidos por aqui. Foi o caso de Tairone Feitosa. Com 50 anos de carreira completos em 2013, o ex-roteirista da Globo que mora hoje em Delmiro Gouveia tem no currículo obras como Luzia Homem, Ele, o Boto, O Homem da Capa Preta e Veneno da madrugada.

“É uma figura que quase não aparece e há uma série de profissionais assim, que ficam por trás da câmera. A ideia do festival é dar visibilidade a essas pessoas, homenagear de alguma forma os alagoanos que contribuíram para o cinema nacional. Tairone é um camarada consagrado nacionalmente que se esconde em Delmiro e buscamos botar o holofote na direção dessas pessoas que dão sua contribuição”.

E, no tributo a Jofre, o evento traz a Alagoas o diretor José Araripe Júnior, de Mr. Abrakadabra, [ficção de 1996] que traz o palmeirense como protagonista. Em 13 minutos, o curta conta a história de um velho artista que já não consegue mais fazer suas mágicas e, desesperado, arquiteta um super suicídio. A obra será exibida no sábado (7), às 22h30, e depois o cineasta participa de um bate-papo com a

plateia. A família de Jofre também é esperada para a entrega de uma troféu Canoa de Tolda.

O prêmio é dado também aos vencedores da Mostra Competitiva e faz referência às antigas embarcações que navegavam pelo São Francisco. Chegando a ser considerada extinta, a Canoa de Tolda passa hoje por um processo de recuperação encabezado por uma Organização Não Governamental (ONG). A ideia é também contribuir para este trabalho de preservação.

“Praticamente não se usa mais a canoa de tolda e ela chegou a ser considerada extinta. Foi um nome interessante que encontramos. E descobrimos depois, pesquisando, que o troféu da antiga edição [a do Festival de Cinema Brasileiro de Penedo, realizado nas décadas de 1970 e 1980] era a canoa de ouro, que era na verdade a mesma canoa de tolda, só que esculpida artesanalmente em madeira”, conta Sérgio Onofre.

O QUE HÁ DE NOVO

Este ano o Festival de Cinema Universitário traz uma novidade na entrega de uma das Canoas de Tolda: a de Melhor Filme pelo Júri Popular. Ao contrário das edições anteriores, o vencedor na categoria será selecionado por uma comissão formada a partir de outra atividade do próprio evento. É da oficina de Crítica Cinematográfica, realizada ontem (31) e hoje (1º), em Penedo, que sairão os jurados.

A ação é comandada pelo jornalista e membro da diretoria da Associação



Para Sérgio Onofre, a ideia é ampliar a participação das pessoas, em especial a população local

SÉRGIO ONOFRE
COORDENADOR-GERAL
“De forma piloto, estamos colocando tradução dentro dessa linha de inclusão. Isso vai acontecer nas Mostras Infantil e Ambiental. Tradutores de Libras estarão no evento para atender ao público que possa chegar lá com essa necessidade [...]”

Brasileira dos Críticos de Cinema André Dib, que também supervisionará a escolha. Radicado em Pernambuco, ele deve passar adiante alguns elementos dessa árdua missão de avaliar produções da sétima arte. “Eles vão trabalhar a questão estética, de como olhar, perceber o filme. E essa turma vai se comprometer a assistir toda a Mostra Competitiva. Ao final, vão se reunir e julgar o melhor filme”.

O workshop é um dos preparados pela organização do evento – iniciado alguns dias antes da data oficial justamente devido a essas interações com o público e os profissionais locais. Em Maceió, por exemplo, a cineasta Tilde Borges chegou mais cedo de São Paulo para falar sobre captação de som direto. Segundo Sérgio, um dos gargalos das produções alagoanas.

“Temos constatado que, apesar do aumento da produção de cinema em Maceió, o setor técnico se resente de pessoal especializado. E a oficina aconteceu na capital, apesar do festival ser em Penedo, justamente porque é onde grande parte desses produtores estão. A ideia era trabalhar com aquele profissional que já atua no campo do som e dar a ele um conhecimento complementar”, explica o organizador.

Ele diz que essas são as principais novidades da iniciativa, que a cada ano se mexe um pouquinho para se adaptar às realidades que surgem. “Na verdade, a cada edição o festival inova em alguma coisa ou se adapta à realidade, vai aprimorando seu formato”, comenta Sérgio, acrescentando que outra inovação é a tradução das películas para portadores de deficiência auditiva.

“De forma piloto, estamos colocando tradução dentro dessa linha de inclusão. Isso vai acontecer nas Mostras Infantil e Ambiental. Tradutores de Libras estarão no evento para atender ao público que possa chegar lá com essa necessidade. A intenção é que no próximo ano tenhamos isso em todo o festival. Independente do fato de ter alguém com essa necessidade ou não na plateia, é importante oferecer, até para que as pessoas possam ir”, expõe.

Segundo Sérgio, não há uma expectativa de públi-

co para o evento. A ideia é ampliar a participação das pessoas, em especial a população local. “Ela é a maior beneficiária e queremos que participe. Temos exibições de cinema que começam no final da manhã e vão até 23h. Nos três horários acontecem atividades. Pela manhã, além da Mostra Infantil, acontece a parte acadêmica, com mesas redondas, debates, oficinas. No finalzinho da tarde, começam as mostras de cinema, que vão até 23h, e, depois disso, temos a programação musical sempre com artistas da terra. É uma programação de fôlego”.

Trabalhando para a realização do 9ª edição do Festival Brasileiro de Cinema, que deve acontecer ano que vem junto com a versão universitária, o coordenador-geral ressalta que, para Penedo, o evento é um resgate da tradição – que, ao que parece, continua tão viva na memória dos ribeirinhos quanto a consagrada Festa de Bom Jesus dos Navegantes.

“O festival se encerrou em 1982 e, quando retomamos, em 2011, eram 29 anos de abstinência. O interessante é que isso ainda é muito forte na memória da população. O pipoqueiro que vende pipoca hoje na porta das exibições é o mesmo vendia há 30 anos. A cidade tem

essa memória muito viva, presente. E esse foi um dos elementos que nos levou a buscar uma iniciativa nesse campo”. ◉

Confira os filmes alagoanos que participam da Mostra Competitiva:

CIDADE LÍQUIDA | Direção: Laís Araújo | Documentário, 12 min, Pernambuco, 2015

Documentário filmado em Maceió, Alagoas, sobre o Alagoinha e o Papódromo, dois pontos abandonados que denotam a segregação da cidade.

QUEM TEM JUÍZO RESISTE E LUTA | Direção: Marcos Mesquita | Documentário, 24 min, Alagoas, 2015

Acompanha a luta da Vila de Pescadores do Jaraguá (Maceió/AL) por moradia e urbanização da área em que habitam há 60 anos. Registra o cotidiano, o trabalho, sua cultura e o dia em que foram expulsos de seu território por determinação da justiça.

ATIROU PARA MATAR | Direção: Nuno Balducci | Ficção, 15 min, Alagoas, 2014

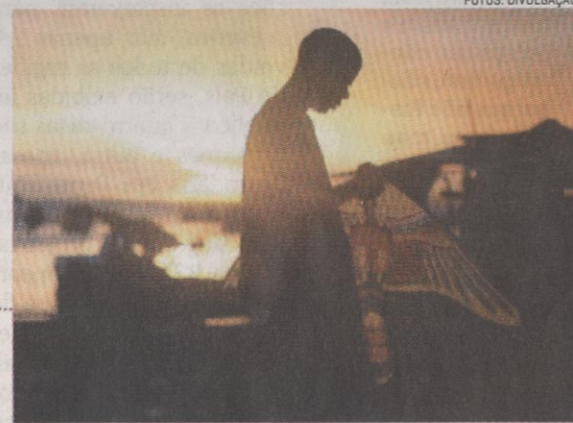
Sete pessoas se envolvem de diferentes formas em um crime de pistolagem: Uma funcionária de uma pastelaria, um matador de aluguel, dois policiais, uma garçonete, um moto taxista e um jornalista.

3 MERCADOS | Direção: Carlos Augusto e Janderson Felipe | Documentário, 9min, Alagoas, 2014

O mercado visto a partir de três personagens que constroem suas vidas trabalhando nele.

DIALETOS | Direção: Weber Salles Bagetti | Animação, 15min, Alagoas, 2014

Uma narrativa lírica que se impõe por meio de um fluxo de signos e imagens que representam o estado de uma alma inquieta.



FOTOS: DIVULGAÇÃO



Confira os filmes da Mostra Sururu

GERAÇÃO Z RURAL, dirigido por Mel Vasconcelos [Documentário, 15', Alagoas, 2014]

CRIA DE NINGUÉM, dirigido por Amanda Duarte [Documentário, 5', Alagoas, 2014]

ENTRE CÉUS, dirigido por Alice Jardim [Documentário, 12', Alagoas, 2014]

NOTURNA, dirigido por Nivaldo Vasconcelos [Ficção, 16', Alagoas, 2014]

NÃO OLHE, veja bem, dirigido por José Soares [Documentário, 4', Alagoas, 2014]

GUERREIROS, dirigido por Arilene de Castro [Documentário, 23', Alagoas, 2014]

